

Sentipensar-se negra: onto-episteme estética de Victoria Santa Cruz

LIA PINHEIRO BARBOSA

RESUMO: O artigo tem por objetivo apresentar as contribuições de Victoria Santa Cruz para a teoria social latino-americana e caribenha, sobretudo na abordagem da questão racial, do racismo e dos caminhos da luta antirracista a partir da estética e da arte. Por meio de uma estética negra, a poetisa denuncia o racismo, ao tempo que desvela as bases onto-epistêmicas de reconhecimento das existências negras desde uma perspectiva antirracista e de descolonização.

PALAVRAS-CHAVE: Estética negra. Afrocentrismo. Antirracismo. Onto-episteme. Arte.



Thinking-feeling black: the onto-episteme in Victoria Santa Cruz

ABSTRACT: The aim of this article is to present Victoria Santa Cruz's contributions to Latin American and Caribbean social theory, especially in her approach to the racial question, racism and the paths of the anti-racist struggle from the point of view of aesthetics and art. Through a black aesthetic, the poet denounces racism, while at the same time unveiling the onto-epistemic bases of recognition of black existences from an anti-racist and decolonizing perspective.

KEYWORDS: Black aesthetics. Afrocentrism. Anti-racism. Onto-episteme. Art.

DATA DE ENVIO: 20/09/2024

DATA DE APROVAÇÃO: 22/11/2024

LIA PINHEIRO BARBOSA

Doutora em Estudos Latino-Americanos pela Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM). Cientista Social e Mestre em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará. Professora da Universidade Estadual do Ceará, no Centro de Humanidades, no Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS) e no Mestrado Acadêmico Intercampi em Educação e Ensino (MAIE). Bolsista de Produtividade PQ-2/CNPq.
E-mail: lia.barbosa@uece.br

1 Introdução

Ao me propor a escritura de um artigo sobre a poetisa, coreógrafa, estilista, folclorista e professora afro-peruana, Victoria Eugenia Santa Cruz Gamarra, o faço instigada por um conjunto de motivações que são parte de minha própria trajetória de formação como um ser social e como uma mulher latino-americana, améfricana e nordestina, que transforma a experiência de vida, e das peregrinações que nos constituem em singular e em coletivo, no exercício da escrevivência. Como nos ensina Conceição Evaristo, a escrevivência – a transmutação da escrita e da vivência em um ato uno – prima pela genealogia da ideia, que, por sua vez, emerge da experiência da vivência, no caso, a vivência histórica e social. É um exercício de teorizar a partir do encontro vivencial com as nossas peregrinações contra as múltiplas opressões (Lugones, 2021), bem como das aprendizagens dolorosas que potencializam a *digna raiva*, como nos ensina o Movimento Zapatista, mas no anseio em reverberar a alegre rebeldia intrínseca à luta permanente rumo à emancipação.

Das ontologias indígenas do *Abya Yala*, aprendemos que o coração é lugar de enunciação ontológico e epistêmico desde o qual se recupera a unidade entre corpo-alma-razão-sentimento. Por isso, entre diferentes povos de nossa região, afirma-se o sentipensamento como expressão de nossa onto-episteme. Por outro lado, o *chuyma*, que na língua aimará significa as entranhas e o pulmão, constitui o âmago das sensações mais profundas que também estão conectadas, intimamente, com as reações do nosso corpo e do pensamento em uma unidade sentipensante. Dessas matrizes ontológicas e epistêmicas vamos percorrendo os caminhos de nossa história integral para adentrar os fundamentos da opressão, de caráter colonial, patriarcal e capitalista, ao tempo que erigimos nossa *práxis* política de libertação.

O poema-canção “Me gritaron negra” (Gritaram-me Negra), escrito por Victoria Santa Cruz em decorrência de uma experiência pessoal em sua tenra infância, revela como a experiência do racismo crava-se na existência do ser e de experimentar uma sensação, um sentimento, um pensamento sobre o significado histórico

e social de Ser Negra. Entretanto, do mesmo modo, expressa uma Estética da Resistência (Barbosa, 2019), ao colocar no centro da análise estética o lugar sócio-histórico do corpo negro como ponto de partida na compreensão crítica do racismo como fenômeno estruturante das relações sociais instituídas e instituintes de nossas sociedades outrora colonizadas.

A estética negra de Victoria Santa Cruz revela a dor reverberada em seu corpo, em seu *chuyma*, em seu coração, provocando-lhe sofrimento e ódio. Mas esta mesma estética negra se transmuta em uma estética da resistência que evoca outros corpos de uma existência negra e afrodiáspórica, de corpos transatlânticos (Nascimento, 2018) ao reagir, interpelar e negar a condição de ser um corpo cativo submetido a um rigoroso controle social, de censura e autocensura (Antivilo Peña, 2015) por ser um corpo negro. Nessa estética da resistência, Victoria Santa Cruz consubstancia a arte como processo de criação (Bartra, 2019), tornando-a uma arte para a emancipação, ao enaltecer a existência negra em sua raiz ontológica e epistêmica.

No presente artigo, busco aprofundar o impacto estético, onto-epistêmico e da *práxis* política de Victoria Santa Cruz e suas contribuições para a teoria social latino-americana e caribenha. Ao longo do escrito, apresento o contexto histórico de seu nascimento, sua descoberta do racismo e sua trajetória de (re)construção das matrizes ontológicas e epistêmicas do afrocentrismo atreladas ao campo estético para o enaltecimento sociocultural e político das populações negras. Para tanto, as reflexões aqui apresentadas são tecidas à raiz de fontes primárias, sobretudo da oitava de entrevistas realizadas com a pensadora, uma vez que não há um acervo bibliográfico ou hemerográfico acessível no Brasil em torno de sua vida e obra. Além disso, apresento minhas próprias reflexões a partir da apreensão do impacto estético por ela provocado em mim.

Antes de adentrarmos às reflexões, leiamos o poema-canção “Me gritaron negra”:¹
Tenía siete años apenas,
apenas siete años
Qué siete años!
No llegaba a cinco siquiera!
De pronto unas voces en la calle
Me gritaron Negra!
Negra! Negra! Negra! Negra! Negra! Negra! Negra!
“Soy acaso negra?” - me dije
Sí!
“Qué cosa es ser negra?”
Negra!
Y yo no sabía la triste verdad que aquello escondía.
Negra!
Y me sentí negra,
Negra!
Como ellos decían
Negra!
Y retrocedí
Negra!
Como ellos querían
Negra!
Y odie mis cabellos y mis labios gruesos
Y mire apenada mi carne tostada
Y retrocedí
Negra!
Y retrocedí . . .
Negra! Negra! Negra! Negra!
Negra! Negra! Negra!
Negra! Negra! Negra! Negra!
Negra! Negra! Negra! Negra!
Y pasaba el tiempo,
Y siempre amargada
Seguía llevando a mi espalda
Mi pesada carga
Y cómo pesaba!...

1 Ver Uff, 2013.

Me alacé el cabello,
Me polveé la cara
Y entre mis entrañas siempre resonaba la misma palabra
Negra! Negra! Negra! Negra!
Negra! Negra! Neeegra!
Hasta que un día que retrocedía, retrocedía y qué iba a caer
Negra! Negra! Negra! Negra!
Negra! Negra! Negra! Negra!
Negra! Negra! Negra! Negra!
Negra! Negra! Negra!
Y qué?
Y qué?
Negra!
Si
Negra!
Soy
Negra!
Negra
Negra!
Negra soy
Negra!
Si
Negra!
Soy
Negra!
Negra
Negra!
Negra soy
De hoy en adelante no quiero
Lacear mi cabello
No quiero
Y voy a reírme de aquellos,
Que por evitar -según ellos-
Que por evitarnos algún sinsabor
Llaman a los negros gente de color
Y de qué color!
Negro

Y qué lindo suena!
Negro
Y qué ritmo tiene!
Negro Negro Negro Negro
Negro Negro Negro Negro
Negro Negro Negro Negro
Negro Negro
Al fin
Al fin comprendí
Al fin
Ya no retrocedo
Al fin
Y avanzo segura
Al fin
Avanzo y espero
Al fin
Y bendigo al cielo porque quiso Dios
Que negro azabache fuese mi color
Y ya comprendí
Al fin
Ya tengo la llave!
Al fin
Negro Negro Negro Negro
Negro Negro Negro Negro
Negro Negro Negro Negro
Negro Negro
Negra soy

2 Do corpo escravizado ao *black is beautiful*: contexto histórico de Victoria Santa Cruz

O século XX é o período da reverberação das consequências de ordem social, cultural, psíquica e emocional de dois fenômenos políticos de envergadura histórica em todo o continente americano: o regime escravocrata e o do *apartheid* social. A reverberação, aqui, é situada no que representaram ambos os fenômenos em termos da conformação de uma ideologia racista racionalizada

(Moura, 2019), reflexo da superestrutura escravista e do papel histórico da dialética do racismo na imposição de um lugar social e onto-epistêmico às populações negras. Seja no marco de consolidação de um capitalismo dependente, seja na busca incessante pela reafirmação de uma identidade étnico-racial, o fato é que o século XX, mesmo sendo um século pós-colonial e pós-abolicionista, manteve em seu âmago, enraizado profundamente, um pensamento social racista e de demarcação autoritária de um corpo e uma cultura superiores, no caso, aqueles associados ao universo branco. Há duas décadas do século XXI perdura esse *continuum* histórico da dialética racial em nossas sociedades.

Na esteira analítica de Moura (2019), em diferentes campos do conhecimento, da literatura à sociologia, há uma ausência do *negro como Ser*, em condição de alteridade com o branco. De fato, a questão racial como um problema social decorrente da condição colonial e escravocrata que atravessou os diferentes países dessa ampla região, não foi abordada em sua amplitude, em seu corolário e incorporando a perspectiva negra à análise desse processo histórico. As epistemologias afro-diaspóricas constituíram epistemologias marginalizadas ao longo do processo de construção das Ciências Sociais e Humanas ao longo de todo o século XX, muito embora tenham dado o tom analítico contestatório, ao contradizer as interpretações que visavam abrandar o peso histórico da escravização e do *apartheid*, a partir de vieses apaziguadores, a propósito das vertentes teóricas da miscigenação e da mestiçagem (Oliveira; Barbosa, 2020).

Essa é a trama histórica em que nasce, no Peru, Victoria Eugenia Santa Cruz Gamarra, na década de 1920. Em entrevista, Victoria Santa Cruz relaciona sua trajetória de vida a esse contexto:

Eu sou dos anos 20 [...] e bem, gostaria de dizer que apesar da minha infância, durante a minha infância vivi momentos muito difíceis porque naquela época, nos anos 20, a discriminação era muito mais acentuada do que é agora. Agora é mais sutil, mas há sempre discriminação (tradução da autora).²

2 Ver Chumbe, 2015.

Há um enorme equívoco em associar a vivência concreta do *apartheid* social a tão somente aqueles países que assim nomearam a essa divisão sociorracial dos espaços geográficos e de organização das estruturas sociais, a propósito dos Estados Unidos ou da África do Sul. No caso latino-americano e caribenho, em que nações viveram séculos sob o jugo de um regime escravocrata, como no caso do Brasil e seus 380 anos de escravidão, os corpos negros escravizados legaram para si outras expressões de um *apartheid* matizado pela condição racial, outras expressões das dores do racismo situado socialmente. No caso do Peru, esse *apartheid* se revela no depoimento de Victoria Santa Cruz, por exemplo, sobre as dificuldades de acesso à formação educativa nas escolas:

Naquela época, a discriminação era muito mais pronunciada, porque quero dizê-la como é. Era triste. Lembro-me que, sendo a primogênita, tive de fazer um esforço maior para que não fosse adiado [a entrada na escola], o que não está mal. Naquele momento, me dava muita raiva, mas depois consegui fazê-lo. E o fato é que houve quem fizesse o ensino secundário com um professor em casa porque era muito difícil para um negro ou negra estar numa escola privada. [...] então, há algo que temos de descobrir: quem somos nós? Por que é que as raças existem? Se isto se desconhece, com que direito!? Se há alguns que dizem: Eu sou superior e ele é inferior! Por que é que ele toma para si o direito de o dizer e por que é que o outro o aceita? (tradução da autora).³

Em nossas sociedades não houve uma aceitação passiva das dinâmicas inerentes à dialética do racismo: do corpo negro escravizado e que resistia nas senzalas e nos quilombos, ao *black is beautiful*,⁴ a ação política do Movimento Panteras Negras e a Revolução Haitiana, a luta antirracista e anticolonial se fez presente em cinco séculos de contestação e enfrentamento permanentes

3 Ver Chumbe, 2015.

4 Movimento cultural e político iniciado nos Estados Unidos, na década de 1960, que combatia o discurso de que as características naturais das populações negras, como a cor da pele, os traços faciais e capilares, são naturalmente feias. Um dos expoentes desse movimento foi Steve Biko, da África do Sul, e seus escritos sobre o Movimento de Consciência Negra.

das múltiplas expressões do racismo nos âmbitos ontológicos, epistemológicos, estéticos e políticos. Victoria Santa Cruz, pensadora que me dedico a apresentar, viveu esse período histórico de efervescência intelectual e política da luta antirracista e pelo orgulho negro articulada pelo Movimento Negro em diferentes países. E é no campo estético da arte que a poetisa afro-peruana elabora a crítica radical do racismo, uma crítica que nasce em uma base histórico-social que se materializa na vivência, *em pele própria*, de uma ação racista.

Nesse sentido, nas próximas linhas trarei à luz a trajetória de Victoria Eugenia Santa Cruz Gamarra e as fontes onto-epistêmicas que emergem de sua estética enquanto fundamento de uma *práxis* política, educativa e pedagógica negra e afrodiaspórica.

3 Em La Victoria nasce Victoria

Victoria Eugenia Santa Cruz Gamarra nasceu em La Victoria, província de Lima, no Peru, no dia 27 de outubro de 1922. Desde seu nascimento, a arte e a cultura afro-peruana a rodeavam por ser filha de Nicomedes Santa Cruz Aparicio, reconhecido dramaturgo e poeta, e de Victoria Gamarra, bailarina de zamacueca e marinera, danças típicas do Peru, que une as raízes culturais indígenas, africanas e espanholas. Ao falar de seu pai, destaca a valiosa formação cultural por ele aprendida, sobretudo no campo da música clássica: “Éramos assim pequeninos e meu pai nos fazia escutar esta música incrível” (tradução da autora).⁵ E ao recordar sua mãe, enfatiza:

Esta mulher é interessantíssima, com uma intuição incrível, com uma força incrível, porque ela costumava dizer-nos: - Se você não tem dignidade, saia pela porta e deixe-se atropelar por um carro! Parece uma coisa atroz, mas ajuda-nos muito a levantarmos-nos. Ela tinha uma bela voz de contralto e quando costumava lavar roupa, cantava (tradução da autora).⁶

5 Ver Chumbe, 2015.

6 Ver Chumbe, 2015.

Com seu irmão caçula, poeta, jornalista e pesquisador, Nicomedes Santa Cruz Gamarra, cria, em 1958, o grupo teatral Cumanana, um dos pioneiros grupos formados integralmente por atoras e atores negros. O Cumanana tornou-se um marco estético e político do Teatro Negro no Peru, dedicando-se a construir peças teatrais que versavam sobre a história negra e, a partir da estética negra, percorria e dava difusão às várias vertentes da cultura afro-peruana. Deste projeto foram gravados, posteriormente, alguns discos com canções sobre a história afro-peruana e de suas manifestações artísticas.

Em 1961, com uma bolsa do governo francês, Victoria Santa Cruz estudou na Universidade de Teatro das Nações e na Escola Superior de Estudos Coreográficos, em Paris, França. Como figurinista, trabalhou em obras como “El retablo de San Cristóbal”, de García Lorca e em “La rosa de papel”, de Ramón del Valle Inclán. Na França, Victoria Santa Cruz descobre o afrocentrismo, corrente filosófica e política que interpela o eurocentrismo enquanto perspectiva pretensamente universal e de interpretação unilateral das relações socioculturais, políticas e econômicas.

O afrocentrismo reivindica a presença histórica da África na origem da filosofia antiga e moderna, ao tempo que argumenta em favor do reconhecimento da existência de outras culturas, de suas fontes filosóficas de produção de conhecimento, e que estas devem ser pensadas e interpretadas a partir de seus próprios sujeitos e processos sócio-históricos. Portanto, questiona a imposição de modelos culturais e categoriais de caráter eurocêntrico, por vezes elaborados em situações de desconhecimento das pretensas realidades às quais visam ser aplicados, ou ainda com fortes tendências de desprezo àquelas culturas que não apresentam os mesmos parâmetros atribuídos à racionalidade europeia.⁷ O encontro de Victoria Santa Cruz com o afrocentrismo influenciou o seu processo de construção da identidade negra e de valorização das tradições musicais e culturais negras no Peru. Em suas palavras:

7 Uma obra pioneira do afrocentrismo é “Legado Roubado. Filosofia Grega é Filosofia Egípcia roubada”, escrita pelo historiador guianense-americano, George Granville Monah James, em 1954.

Encontrei no que tinha herdado como ancestral, África, a base para me erguer. Tive de começar com o negro, com aquelas combinações rítmicas africanas que herdamos e preservamos tão ciosamente ao longo de quatrocentos anos, foi o que me fez dizer um dia: o negro nunca foi um escravo, porque ninguém podia escravizar o seu ritmo interior, que é o único guia do ser humano. Que ninguém me diga que não é racista antes de sê-lo; há de sê-lo primeiro (tradução da autora).⁸

Em 1968, Victoria Santa Cruz retornou ao Peru e fundou a Companhia Teatro e Danças Negras do Peru, com apresentações nos principais teatros do país, bem como em programas de televisão. Ainda nesse ano, a Companhia Teatro e Danças Negras participou das festividades dos Jogos Olímpicos no México, ocasião em que foi premiada com uma declaração e uma medalha. Em 1970, Victoria Santa Cruz recebeu o Prêmio de melhor folclorista no I Festival e Seminário Latino-Americano de TV, organizado pela Universidad Católica de Chile. Entre 1973 e 1982 foi diretora do Conjunto Nacional de Folclore, do Instituto Nacional de Cultura do Peru, ocasião em que fez várias turnês nos Estados Unidos, França, Suíça, Bélgica, El Salvador, Israel, entre outros países.

O teatro negro foi, portanto, terreno fértil da estética negra de Victoria Santa Cruz. As primeiras peças teatrais escritas por ela foram *Callejón de un solo caño*, *Escuela Folklórica* e *Malatón*. Estudou a fundo pregones, marineras, zamacuecas, landós, zambas-landó, todos estilos musicais peruanos de raiz africana, como também cantos, danças e instrumentos musicais, além de aprofundar-se teórica e politicamente no debate da transculturação e do afrocentrismo. É desse universo, da conjugação desses elementos, que emerge sua estética negra:

Ter descoberto, primeiro através dos meus ancestrais, depois através do estudo e da prática, que cada gesto, palavra e movimento é a consequência de um estado de espírito, e que este estado de espírito está ligado a conexões ou desconexões de certos centros ou plexos,

8 Ver Escobar, 2015.

foi para mim uma experiência interessante que, ao chegar à categoria de conhecimento, me permitiu redescobrir na dança e música tradicionais, mensagens profundas que podem ser resgatadas e comunicadas (tradução da autora).⁹

Durante a década de 1980 inicia sua trajetória docente. Como professora convidada e, logo, permanente, Victoria Santa Cruz foi uma das poucas mulheres negras e latino-americanas a lecionar na Faculdade de Artes, da Universidade Carnegie Mellon, na cidade de Pittsburg, na Pensilvânia, Estados Unidos. Essa trajetória foi iniciada mais precisamente em 1982, como professora convidada; entre 1983 e 1989 foi professora assistente, e de 1989 a 1999, professora efetiva do quadro docente. No ano de 1938, em entrevista realizada por Marco Aurelio Denegri, no Programa *La función de la palabra*, Victoria Santa Cruz declara:¹⁰

Quando na vida, que é a escola que esquecemos, comecei a tocar no meu profundo, em um momento de minha vida disse, no entanto, africano. Isto é cósmico, porque o que é o ser humano senão um aspecto do cosmos? É muito fácil dizer que eu sou um microcosmo. Se és um microcosmo, descubra as leis dentro de si do macrocosmo e entra no lugar a que pertence (tradução da autora).

Em 2014, Victoria Eugenia Santa Cruz faleceu em Lima, Peru, aos 91 anos.

4 Por acaso sou negra? Que coisa é ser negra?

Eu não sabia que era negra,
Quando digo: “não sabia que era negra!”,
Não estou falando de cor
Mas do que isso implicava.
Documental Victoria Santa Cruz – Retratos Parte 1¹¹

9 Ver Barrón, 2018.

10 Ver Escobar, 2015.

11 Ver Chumbe, 2015.

O icônico poema *Gritaram-me Negra* nasceu de uma experiência pessoal de racismo que Victoria Santa Cruz viveu em sua infância, na idade de cinco anos, no bairro onde cresceu e que era a única menina negra entre as mestiças. Conforme o seu relato:¹²

Vou contar uma coisa que está ligada, para aqueles que ouviram o meu poema “Gritaram-me negra”. Há algo que me aconteceu quando, como digo no meu poema, eu mal tinha 7 anos de idade, ou seja, apenas 5 anos de idade. Assim, na Vitória, onde vivia, em Sebastián Barranca, as meninas eram todas mestiças e eu era a única negra. E me lembro que, numa ocasião, se muda, vem viver aqui no bairro, uma família muito branca. A pequenina era gringuiinha e quando eu saio para brincar, a gringuiinha me embarreira e diz: se esta negrinha brinca, eu vou embora! Bem, digo eu, esta acabou de chegar e já está estabelecendo regras. Qual seria a minha surpresa quando minhas amigas me dizem: Vaité embora Victoria! Uma punhalada é uma carícia comparada ao que me aconteceu. Eu não sabia que era negra. **Quando digo: “não sabia que era negra!”, não estou falando de cor, mas do que isso implicava.** E me levaram embora (tradução e grifos da autora).

Quando escutamos ou lemos a Victoria Santa Cruz, é inevitável não associar sua reflexão crítica à de Fanon (2008), acerca da percepção de uma suposta inferioridade atribuída ao corpo, à fisionomia e à subjetividade das populações negras a partir do crivo do olhar do outro, no caso, o olhar do branco. Ao afirmar que *não sabia o que era ser negra, o que isto implicava*, em realidade, Victoria Santa Cruz evidencia a análise certeira de Fanon, em relação às dificuldades na elaboração de um esquema corporal próprio, uma vez que o corpo negro foi constituído como um *corpo colonial*. E embora fosse uma menina de cinco anos, tomar consciência do sentido histórico-social da *negridão*,¹³ da hierarquia social erigida em base às características étnico-raciais, permitiu-lhe situar seu próprio olhar desde o esquema histórico-epidérmico-racial fanoniano, ao questionar-se a si mesma: *por acaso sou negra? O que é ser negra?*

12 Ver Chumbe, 2015.

13 Uso a mesma palavra usada por Franz Fanon (2005).

A sensação de deslocamento, de extirpação, de ser inoportuno, sentidas e analisadas por Franz Fanon (2008) no instante em que foi identificado como um homem negro, constituiu um sentimento comum à poetisa afro-peruana Victoria Santa Cruz:

O mais doloroso foi que os meus amigos me pediram para sair. Tudo o que senti, escrevi num pequeno livro e foi isso que deu origem ao poema “Gritaram-me negra”. [...] **Nunca esqueci a importância de sofrer.** Aquela menina estimulou algo em mim e eu fui capaz de descobrir o que significa defender as suas ideias e aquilo em que acredita. Eu sofri, mas descobri muitas coisas. **Comecei a descobrir a vida** (tradução e grifos da autora).¹⁴

A experiência de *descobrir a vida*, para Victoria Santa Cruz, foi a experiência concreta de desvelar, ante seus olhos, o peso histórico da aparência do corpo negro e do *preconceito de cor*, decorrentes da vivência do racismo. De sentir o peso da frase, *se esta negrinha brinca, eu vou embora*, materialização do exercício pedagógico de legitimação da autoridade do corpo branco em relação aos demais, para definir o lugar social atribuído a si e ao outro racializado. Nessa direção, em sua infância houve uma captura da fala, de uma fala que se expressa, que se comunica a partir da linguagem subjetivada do opressor. Essa linguagem do opressor é aprendida desde a infância e, por esta razão, possui uma dimensão pedagógica no seio social, ao edificar um processo de assimilação, introjeção e reprodução subjetiva e objetiva da dialética do racismo e do colonialismo interno enraizados na história social da América Latina e do Caribe. No âmbito da experiência de viver a descoberta da *raça*, de sentir e pensar esse processo, Victoria Santa Cruz nos diz que:

[...] envolve um processo muito complicado porque quando me disseram “Negra”, eu ainda não tinha 7 anos e acabei de perceber o que isso significava. Não disse a ninguém. Mas havia algo que me dizia que era meu, que eu tinha de compreender isso e que tinha de sair de lá sozinha. Assim, a certa altura da minha vida eu odiava, odiava. E eu sei o

14 Ver Aonso, 2018.

que é odiar e não aconselho ninguém a fazê-lo porque só se destrói a si próprio. **Mas, no meu processo, eu odiei. E com o passar do tempo, comecei a compreender e percebi que isto também era importante porque se não fosse por isso, eu não seria o que sou hoje.** Assim, isso me fez compreender que o negativo também desempenha um papel. **Não ficar com aquilo, mas para ver o que fazemos com aquilo!** E isso produziu em mim essa coisa e como pode ir significando algo até hoje, posso dizer: bendito seja Deus, que alguém me chamou de negra para que eu compreendesse, hoje, que sou negra, mas não como eles disseram. **Que eu sou negra e que faço parte desse mosaico que é o homem: preto, branco, amarelo, vermelho. Enquanto o vermelho, branco, amarelo e preto não se perceberem de que são um só, jamais poderão descobrir o que é o homem** (tradução e grifos da autora).¹⁵

Na perspectiva de Paulo Freire, as palavras não são lançadas ao léu sem estar dotadas de um sentido pedagógico, de introjeção de valores simbólico-ideológicos; as palavras são em si uma ação e uma ação que carrega uma dimensão dialética. Um passo primordial à compreensão profunda e crítica dessa ação é fazer da captura da fala do opressor o momento de construção da consciência (Freire, 1987). E nessa captura da fala, descolá-la dialeticamente para si no ato de *erguer a voz* na construção da própria fala, ao situar a ferida colonial aberta desde a infância (hooks, 2019), ao pensá-la com atenção e em um marco histórico-social.

Assim como analisado por Patrícia Hill Collins (2016), considero que Victoria Santa Cruz fez o uso criativo de sua marginalidade, isto é, de ser colocada à margem, como mulher negra, de sua condição enquanto *outsider within*,¹⁶ para construir sua própria autodefinição centrada na sua condição histórica de ser mulher negra, ou seja, uma autodefinição enquanto o outro objetificado e capturado pelo olhar do branco, de forma desumanizada,

15 Ver Nordisk Teaterlaboratorium, 2009.

16 O termo *outsider within*, criado por Hill Collins (2016), corresponde a uma interpretação de *forasteira de dentro*.

inferiorizada, silenciada. Nos termos de Hill Collins (2016, p. 105): “como foi negada às mulheres negras a autoridade de desafiar essas definições, esse modelo consiste de imagens que definem as mulheres negras como um outro negativo”. Na percepção aguçada de Victoria Santa Cruz:¹⁷

Ser mulher e ser negra é um problema que, para o ente racional que ainda não compreendeu, continuará sendo um problema. Porém, quando começamos a intuir a possibilidade que temos quando há uma complicação, este problema torna-se uma condição, uma condição para forjar-se. O ser humano não pode tirar a liberdade ao outro. Essa é a única coisa que o ser humano não pode fazer: tirar-lhe a liberdade, porque esta está dentro de si. E quando se faz contato com esta [liberdade], não há ninguém que a possa roubar. Ninguém! Somente nós mesmos podemos tirar a [nossa] liberdade com a sua própria negatividade, com o seu próprio ódio, com sua própria incompreensão. Isso sim, hoje [...] hoje, ninguém pode me fazer dano. Eu, sim! (tradução da autora).

Essa condição de forjar-se como um sujeito posicionado constituiu outro plano dessa autodefinição, que acontece no ato de soerguer a voz e de nomear a dor pessoal, transformando-a em ato de consciência, de resistência, de restauração, de valorização e de defesa da existência de si e com os demais, isto é, uma coexistência coletiva equânime, em condição de alteridade em seu direito de existir. Para bell hooks (2019, p. 38):

Fazer a transição do silêncio à fala é, para o oprimido, o colonizado, o explorado, e para aqueles que se levantam e lutam lado a lado, um gesto de desafio que cura, que possibilita uma vida nova e um novo crescimento. Esse ato de fala, de “erguer a voz”, não é um mero gesto de palavras vazias: é uma expressão de nossa transição de objeto para sujeito – a voz liberta.

17 Ver Nordisk Teaterlaboratorium, 2009.

Em uma sociedade instituída sob a égide de estruturas coloniais, pilares de relações sociais de dominação e opressão, a liberdade como um direito humano só é alcançada por meio da luta, da resistência, para a descolonização, que não se restringe à perspectiva da luta de classe, mas se intersecciona dialeticamente à luta anticolonial, antipatriarcal e antirracista. Na construção dos caminhos para a libertação e a emancipação, a educação constitui um elemento imprescindível, posto que é o âmago de uma formação crítica, de aquisição da consciência das condições de opressão e da conformação do processo emancipatório (Freire, 1987). Ao tomar a educação como ato de liberdade, a linguagem torna-se um lugar de luta fundamental, em que o oprimido se apropria da linguagem para ler a si mesmo enquanto parte de um processo histórico (hooks, 2019).

Victoria Santa Cruz transcende a vivência pessoal do racismo ao trazer à luz e à reflexão coletiva a negação da presença negra na formação sócio-histórica, bem como as manifestações do racismo no Peru. Em outros termos, ao dar-se conta que era identificada e situada socialmente a partir de um dispositivo étnico-racial, descobriu o conceito de raça e a dialética do racismo: “tudo isso que poderia ter sido muito difícil, foi também um incentivo para que eu continuasse a descobrir o que é a raça”.¹⁸

Entretanto, em uma postura subversiva, dedicou-se a produzir um lugar de luta antirracista no campo estético, ao elaborar uma estética negra que reverberasse o combate a quaisquer formas de inferiorização das populações afro-latinas. Ao enaltecer a cultura afro-peruana, nos deixou por legado o processo de autorecuperação (hooks, 2019), de uma reconciliação no sentido de encontrar a completude do *Ser negro*. Em diálogo com bell hooks (2019), essa autorecuperação só é possível quando construímos uma nova linguagem como ato de restauração. Essa linguagem nova se performatiza no campo da estética de Victoria Santa Cruz, por meio de um corpo-resistência, um corpo-crítica ao colonialismo, e de uma fala poetizada, uma *voz que se levanta, que se ergue*, para reafirmar-se como mulher negra, *negra sou!*

18 Ver Chumbe, 2015.

5 ¡Negra soy! Orgulhosa Afro-Peruana: contribuições de Victoria Santa Cruz à práxis política antirracista e anticolonial

Ao analisar os discursos poéticos afro-latino-americanos e caribenhos, Bernd (1987) destaca que aquilo que define a poesia como negra não é o fato de a autora ou o autor ser negra ou negro, mas o fato de enunciar-se como negra ou negro. Essa enunciação é o que faz dessa poesia uma expressão própria, dotada de uma estética própria enquanto poética negra. Quando Victoria Santa Cruz afirma *negra sou*, em seu poema "*Gritaram-me negra*", posiciona-se como um sujeito de enunciação, isto é, como mulher negra, *orgulhosamente afro-peruana*. Esse enunciar-se é expressão de uma poética do deslocamento do corpo colonizado ao corpo descolonizado (López, 2009), ao subverter o teor negativo que comumente acompanha os discursos racistas, contrapondo-se a eles a partir da valorização das heranças socioculturais africanas e afrodiaspóricas evocadas pela estética negra.

A elaboração de discursos sustentados em uma matriz racial constitui um mecanismo de legitimação do racismo (Brah, 2011; García, 2014). Em contextos sociais racializados, marcados por relações que herdaram uma estrutura colonial, o corpo negro se torna um emblema étnico, transformando-se em suporte de construção da identidade (Gomes, 2003). Em nosso tempo presente, ainda perduram as memórias do corpo que atravessam a mulher negra, as memórias das dores vividas e sentidas no passado colonial e na vivência pós-colonial (Fassin, 2012; García, 2014; hooks, 2019). Em realidade, são memórias ancestrais evocadas cotidianamente nas múltiplas formas de vivência do racismo em nossas sociedades, que são marcadamente duais, de opressores e oprimidos.

O racismo é expressão do caos, uma vez que incide e afeta o equilíbrio do ritmo existencial dos seres humanos. Ao desnudar o racismo a partir do poema "*Gritaram-me Negra*", a poetisa incorpora uma estética negra, uma estética da resistência que revela as contradições históricas do racismo e aponta o seu enfrentamento a partir de uma ontologia e epistemologia negras, concebidas na herança dialética do essencialismo colonial sobre o corpo negro, bem como na exaltação da ancestralidade e dos princípios humanistas para uma reconstrução moral do ser negro.

Gostaria de destacar, com base em alguns elementos de ordem onto-epistêmico identificados no poema *Gritaram-me Negra* e pela própria voz da poetisa afro-peruana, o que considero como contribuições de Victoria Eugenia Santa Cruz à teoria social latino-americana e caribenha na abordagem da questão racial e à luta anticolonial e antirracista: a) a teoria do ritmo cósmico e sua relação com os seres humanos; b) a dialética de sermos juntos e c) a concepção da cultura.

A teoria do ritmo cósmico e sua relação com os seres humanos

As entrevistas realizadas com Victoria Santa Cruz são fontes primárias importantes para situar as matrizes ontológicas e epistêmicas que acompanham sua trajetória, seu pensamento e sua composição da estética negra. Do encontro com o afrocentrismo e o universo cultural afro-peruano, emerge a sua elaboração intelectual no que concerne a uma concepção, uma teoria do ritmo, que se articula à sutil crítica que a pensadora realiza ao modelo educativo predominante, que tolhe a capacidade criativa do ser humano, sua criatividade ontológica, ao separar e hierarquizar a razão e a emoção. Por certo, esta reflexão de Victoria Maria Santa Cruz antecede, no campo estético, a formulação teórica da colonialidade do poder e do saber desenvolvidas por Aníbal Quijano e Edgardo Lander, respectivamente.

Falar de ritmo não é fácil porque não é realmente uma questão de falar, é uma questão de sentir. Quando se fala de ritmo, quase sempre se cai na armadilha de falar de tempo e de compasso. E o tempo e o compasso estão no ritmo, mas o ritmo não tem tempo. Temos uma predisposição para cair em certos hábitos, em certas coisas que são adaptadas às nossas características por uma educação dirigida à parte intelectual (tradução da autora).¹⁹

Sob o prisma de Victoria Santa Cruz, o ritmo é dotado de uma ontogênese que atravessa diferentes épocas da vida humana, permitindo aos seres humanos atribuírem horizontes de sentidos

19 Ver Nordisk Teaterlaboratorium, 2009.

e significados a sua própria existência, não só em um plano material, mas espiritual, cósmico. Inclusive, a pensadora rebate que os movimentos rítmicos são uma herança unicamente africana como, por vezes, se escuta no senso comum. Ao analisar a teoria do ritmo cósmico em uma perspectiva histórica, afirma:²⁰

Na verdade, posso dizer hoje que o ritmo também não é africano. Que este homem numa fase do seu processo evolutivo descobriu estas combinações rítmicas e que existem chaves incríveis para encontrar-se consigo mesmo. Não significa que o ritmo seja africano porque o ritmo é ritmo e o homem faz parte desse ritmo (tradução nossa).

O trecho acima é revelador de uma transcendência do antropocentrismo, deslocando o ser humano a uma condição de *tomar parte* de um estado maior da existência no universo, ou seja, de coexistência com outros seres vivos e não vivos, ou mesmo com outros indescritíveis por não conseguirmos nomeá-los a olho nu ou no alcance de uma interpretação científica, tamanha a magnitude do universo em si mesmo. Por essa razão, Victoria Santa Cruz atribui um sentido cósmico a sua teoria do ritmo, o *ritmo cósmico* ou *combinações rítmicas*:²¹

Vou chamar a isto exatamente combinações rítmicas, de uma qualidade de vibração que tem de ser produzida de modo a que entre em contato com uma qualidade superior de vibração. E esta qualidade superior de vibração pode ser a coisa espiritual. O que é rejeitado não é exatamente que seja rejeitado, mas que se funde porque é combustível, e eu não acredito que nada no cosmos seja descartável, mas que se tem de saber em que se converte (tradução da autora).

A teoria cósmica do ritmo é intrínseca à estética negra de Victoria Santa Cruz. Ao enaltecer a cultura afro-peruana, sua intenção é afirmar a inexistência de uma hierarquia social demarcada a partir do binômio *raça superior x raça inferior*, posto que

20 Ver Nordisk Teaterlaboratorium, 2009.

21 Ver Nordisk Teaterlaboratorium, 2009.

o ser humano, em sua totalidade, é uma fração de uma existência maior que ele. Do ponto de vista educativo, a *teoria do ritmo cósmico* contribui em uma formação holística, omnilateral e para a alteridade entre seres humanos. Na ação pedagógica evocada pela estética negra, a *teoria do ritmo* incorpora a luta antirracista, uma vez que o ritmo cósmico é a linguagem que liberta, precisamente por transcender a materialidade do racismo *sentido na pele*, fazendo com que as populações negras e afrodiaspóricas elevem seu ser a uma condição espiritual, de vínculo cósmico.²²

Portanto, esta herança que está em cada ser humano, é aquilo em que temos de trabalhar-lo, vive-lo e depois deixá-lo para os nossos filhos. No negro, vem na nossa forma de combinações rítmicas, combinações rítmicas muito sábias, uma vez que existem outros tipos de combinações rítmicas e quando se começa a dançar e a senti-las, não se tem de procurar a liberdade no exterior porque a liberdade está no interior (tradução da autora).

Conforme afirma Victoria Santa Cruz nessa mesma entrevista, “nada podemos comunicarmos nós, se não estamos comunicados nós mesmos”. Na perspectiva de uma educação para a superação do racismo, isto é, uma educação antirracista, esse processo intercomunicativo pode ser interpretado como a dialogicidade enquanto essência da educação como prática da liberdade (Freire, 1987), de uma luta antirracista erigida em comunhão, tendo por horizonte a emancipação de si e do outro.

Dialética de sermos juntos

Outra contribuição fundamental de Victoria Santa Cruz à teoria social latino-americana e caribenha reside no entendimento de que a superação do racismo não é obra unicamente da luta antirracista das populações negras. Há uma dialética do processo de emancipação na ruptura com a prática do racismo e que envolve quem o exerce e quem o sofre. E essa dialética também é compreendida numa perspectiva espiritual, cósmica.

22 Ver Nordisk Teaterlaboratorium, 2009.

Se o branco não abrir os olhos e se juntar ao negro, ao índio e ao vermelho, desaparecerá e com o seu desaparecimento há também o nosso, porque somos parte deles e eles são parte de nós. Se não fosse assim, não teriam me agredido. Me agrediram porque são parte de mim. Caso contrário, não teria sido possível (tradução da autora).²³

Ao identificar a existência de uma hierarquia social definida a partir do atributo da *raça*, Victoria Santa Cruz propõe uma transmutação dessa dialética em um giro ontológico e epistêmico das relações sociais, ao dar ênfase a um *sermos juntos*. Em um horizonte de superação do racismo, esse *sermos juntos* associado à *teoria do ritmo cósmico* sugere uma instigante aproximação, no sentido de um diálogo estético, com a filosofia *Ubuntu*, no sentido de conceber uma identidade social para além da ordem do indivíduo, própria da racionalidade ocidental, uma vez que incorpora o vínculo intersubjetivo com o outro, no sentido do “eu sou porque somos”.

Conforme Kakozí (2017), a filosofia *Ubuntu* promoveu um deslocamento teórico da racionalidade ocidental, que parte de uma concepção excludente do indivíduo, a partir do “eu sou porque tu não és”. Nessa direção, o filósofo apresenta três postulados que dão sustentação à concepção ontológica do *Ubuntu*, a saber: 1. Os seres humanos são valiosos em si mesmos, portanto, não há uma escala de importância entre as pessoas; 2. Se todos nós somos seres fundamentais enquanto sujeitos sociais, devemos tomar posição e incidir na sociedade e 3. No horizonte *Ubuntu*, há uma relação intrínseca e imprescindível entre os seres humanos como fundamento de nossa vivência social, intersubjetiva.

Reconheço que parto de uma especulação interpretativa de minha parte, uma vez que não há evidências explícitas à filosofia *Ubuntu* em escritos ou entrevistas de Victoria Santa Cruz. Entretanto, o seu encontro com o afrocentrismo nos sugere que a poetisa afro-peruana apreendeu a crítica realizada pelas filosofias africanas à razão ocidental moderna, sobretudo de seu caráter excludente de outros povos e culturas a partir do atributo da razão. Nessa direção, a instituição do racismo também se ancorou nos postulados filosóficos da razão ocidental para justificar a

23 Ver Rana, 2011.

existência de uma raça superior a outras, estas identificadas como inferiores por serem destituídas de razão, por serem consideradas sociedades *tribais*, *primitivas*, de laços sociais *rudimentares*.

Portanto, a dialética do *sermos juntos*, evocada por Victoria Santa Cruz, possui uma dimensão educativa e política, no sentido de promover uma formação crítica que questione, veemente, quaisquer posturas ou leis segregacionistas, ao tempo que defende uma vida em comunidade, em que se respeite as diferenças, pensando-as como complementaridades de um universo heterogêneo.

Concepção de cultura

O sentido histórico da cultura consiste na criação de novas formas de sociabilidade, de novas relações socioculturais e intersubjetivas entre os seres humanos e a natureza. Como parte constitutiva da sociedade, essa dimensão cultural da vida se expressa pela convivência, pelos sentimentos, sobretudo a afetividade, e pelo desenvolvimento da consciência social. Sob o olhar de Victoria Santa Cruz:²⁴

Cultura vem do cultivo e se o homem, através das suas manifestações, não se cultiva a si próprio, então não está fazendo mais nada senão viver num sonho. [...] A cultura é algo terrivelmente forte que está dentro de nós, e quer queiramos quer não, e todas as culturas são diferentes na forma, mas no fundo procuram a mesma coisa (tradução da autora).

Não por acaso Victoria Santa Cruz enfatiza a dimensão do *cultivo* como elemento raizal da conformação da cultura: as vivências sociais são cultivadas em meio a sociabilidades que definem e são definidas por determinada cultura. Entretanto, no caso de sociedades marcadas por uma hierarquia social interseccionada pelas posições de classe, raça/etnia e gênero, essas vivências sociais podem ser atravessadas por profundos sofrimentos físicos, psíquicos, emocionais, decorrentes da dialética da dominação e da opressão inerentes a essa hierarquia social. No caso da poetisa

24 Ver Rana, 2011.

afro-peruana, a dor da vivência do racismo esteve cravada em seu coração por um tempo:²⁵

Foi muito doloroso e nasceu em mim uma coisa terrível de vingança, porque a partir daquele momento comecei a odiar, a odiar, que se alguém me desse uma metralhadora, eu mataria pessoas brancas. Felizmente, ninguém me deu uma. Mas o que aconteceu? O que aconteceu? E é por isso que repito. É por isso a minha mensagem. Por vezes, eu dizia que seguia viva e seguia (tradução da autora).

A compreensão da dimensão ontológica da cultura e, sobretudo, da existência de muitas e diversas culturas, uma aprendizagem direta do encontro com o afrocentrismo, solidificou na trajetória de Victoria Santa Cruz essa reconstrução moral e de transformação radical do ódio em um sentimento de orgulho pelo próprio. Se no campo estético, a arte emerge como uma mediadora pedagógica entre a realidade e a projeção dessa realidade, na estética negra de Victoria Santa Cruz houve o esmero de transformar a linguagem artística, emanada da poesia e da música, em húmus para o cultivo de outra cultura pautada na ruptura com o racismo enquanto sociabilidade de um universo colonial.

Nessa direção, a linguagem artística tem um papel primordial na formação da consciência, em virtude de sua capacidade mobilizadora e articuladora no processo de luta social. Na estética negra de Victoria Santa Cruz, a apropriação da cultura e da arte como formação da consciência social crítica teve, em seu *porvir*, a intenção de despertar a sensibilidade estética para uma nova sociabilidade humana erigida no reconhecimento da diversidade étnico-racial e cultural do Peru.

Porém, na ótica de Victoria Santa Cruz, essa recongnição de uma raiz cultural pluriversa não pode cair em um sentido folclórico, de um saudosismo essencialista que, por vezes, pode ser evocado pelo folclore, muito embora a pensadora considere que há outra forma de interpretar o folclore enquanto expressão estética da cultura:²⁶

25 Ver Chumbe, 2015.

26 Ver Rana, 2011.

Algo está prestes a se perder se não olharmos para ele com atenção, não como algo pitoresco ou exótico, mas como vida pura que está escondida naquele rótulo chamado folclore. O folclore é o remanescente de uma cultura muito sábia que encontrou o germe da harmonia para que o homem se desenvolva harmoniosamente (tradução da autora).

E novamente encontramos a alusão à dialética do *sermos juntos* que, em uma dimensão cultural, alude à utopia de uma sociedade sem classes, sem raças, e de uma sociabilidade alterna. Esse deve de ser o princípio educativo e pedagógico que retroalimenta a utopia de um convívio harmonioso entre seres humanos e natureza.

6 Que o âmbar preto seja a minha cor: reflexões finais

Corpo altivo, voz firme e olhar direto, Victoria Eugenia Santa Cruz Gamarra cravou na história sua presença marcante. E embora não seja tão conhecida no Brasil, seu legado estético é reconhecido nos demais países latino-americanos e caribenhos. Na estética negra de Victoria Santa Cruz, observamos a tessitura de uma concepção de cultura atrelada à necessidade de superação, de transcendência, de uma tradição ontológica e epistêmica que considera o racismo como um elemento marginal, residual ou subordinado na constituição das sociedades latino-americanas e caribenhas.

Nesse marco, a poetisa afro-peruana recorre à ancestralidade africana e às bases afro-peruanas como um caminho de apreensão das ontologias e das epistemologias inerentes a elas. Ao incorporar essas matrizes à concepção de uma estética negra, atribuiu-lhe uma dimensão educativa como ato político, no sentido de erigir princípios que subsidiem o papel formativo da arte para uma reconstrução moral do ser negro. Essa reconstrução moral requer cultivar no imaginário social um sentimento de autovalorização da ancestralidade desde uma consciência crítica, um sentipensamento que sempre acompanhará a luta antirracista.

Na história contemporânea da América Latina e do Caribe, há uma substantiva recuperação no âmbito cultural, intelectual, estético e político das ontologias e das epistemologias africanas e afro-diaspóricas. Em que pese todo o legado de Victoria Santa Cruz,

somente em 2014 o governo peruano declarou o mês de junho como o mês da cultura afro-peruana.

O poema *Gritaram-me negra* é um manifesto da identidade e do orgulho negro, materializados na performance dessa poetisa âmbar negra, orgulhosamente afro-peruana, Victoria Eugenia Santa Cruz Gamarra. Em suas palavras:

Por isso, hoje sei quem eu sou. Hoje ninguém me pode insultar e hoje sei que coisas partilhar. E hoje sei que temos um compromisso. O compromisso começa por si mesmo. Aquele que não se reconcilia consigo mesmo, não se reconcilia com ninguém (tradução da autora).²⁷

Do mesmo modo, é uma expressão sentipensante de como construir conhecimento desde outro lugar, no caso, a partir da estética e da arte, e de como a Estética da Resistência nos permite uma amplitude dos nossos sentidos, dos nossos sentimentos, em nossas formas de apreender e nomear a realidade sob um viés crítico e ao mesmo tempo criativo, na arte de tecer uma luta antirracista, anticolonial, antipatriarcal a partir do reconhecimento de múltiplos sistemas epistêmicos e comunidades de existência.

REFERÊNCIAS

ANTIVILO PEÑA, Julia. **Entre lo sagrado y lo profano se tejen rebeldías**. Arte feminista latinoamericano. Colección Feminismos Nuestroamericano. Bogotá: Ediciones Desde Abajo, 2019.

AONSO, Carolina Raimondo. Victoria Santa Cruz «Me gritaron negra». **Diversidad Género Transversalidad Educación**, 04 de abril de 2018. Disponível em: <<https://divergenteeducacion.wordpress.com/2018/04/04/victoria-santa-cruz-me-gritaron-negra/>>. Acessado em: 22 de outubro de 2020.

BARBOSA, Lia Pinheiro. Estética da resistência: arte sentipensante e educação na práxis política indígena e camponesa latino-americana. **Conhecer: Debate Entre O Público E O Privado**, 9 (23), p. 29-62, 2019. Disponível em: <<https://revistas.uece.br/index.php/revistaconhecer/article/view/1144>>. Acesso em: 03 de outubro de 2020.

27 Ver Chumbe, 2015

BARTRA, Eli. Estética feminista y artes visuales. In: HUERTAROJAS, Fernando; CASTRO ESPINOSA, Mercedes. **Imaginario y representaciones de género en las artes**. México: Universidad Autónoma de la Ciudad de México, 2019, p. 23-36.

BERND, Zilá. **Negritude e literatura na América Latina**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

BARRÓN, Josefina. El Arte de Ser Peruano: Victoria Santa Cruz. Youtube, 28 de mar. de 2018. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=LhF4xliP8pg>>. Acessado em: 13 de outubro de 2020.

BRAH, Avtar. **Cartografias de la diáspora: identidades en cuestión**. Madrid: Traficantes de Sueños, 2011.

CHUMBE, Claudia. Documental Victoria Santa Cruz - Retratos Parte 1. Youtube, 7 abr. 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Fx4ZiluO6gE>>. Acesso em: 30 de setembro de 2020.

ESCOBAR, Irupé. MÚSICA AFROPRUANA. Victoria Santa Cruz, la voz de la mujer negra peruana. **La Izquierda Diario**, 28 de noviembre de 2025. Disponível em: < <https://www.laizquierdadiario.mx/Victoria-Santa-Cruz-la-voz-de-la-mujer-negra-peruana>>. Acesso em 11 de outubro de 2020.

HILL COLLINS, Patricia. Aprendendo com o outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. **Revista Sociedade e Estado**, v. 31, n. 1, p. 99-127, 2016. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/se/a/MZ8tzsGrvmFTKfqr6GLVMn>>. Acesso em: 10 de outubro de 2020.

FANON, Fanon. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FASSIN, Didier. O sentido da saúde: antropologia das políticas da vida. In: SAILLANT, Francine; GENEST, Serge. (Org.). **Antropologia médica: ancoragens locais, desafios globais**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2012, p. 375-390.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GARCÍA, Emma Delfina Chirix. “Subjetividad y racismo: la mirada de las/ los otros y sus efectos”. In: MIÑOSO, Yuderkys Espinosa; CORREAL, Diana Gómez; MUÑOZ, Karina Ochoa (Editoras). **Tejiendo de otro modo: feminismo, epistemología y apuestas descoloniales en Abya Yala**. Cauca: Editorial UC, 2014, p. 211-222.

GOMES, Nilma Lino. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. **Educação e Pesquisa**, v. 29, n. 1, p. 167-182, 2003. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ep/article/view/27905>.

HOOKS, Bell. **Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como mulher negra**. Tradução de Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019.

KAKOZI, Jean-Bosco Kashindi. Ubuntu como ética africana, humanista e inclusiva. *IHUideias*, v. 15, p. 3-20, 2017. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/images/stories/cadernos/ideias/254cadernosihuideias.pdf>

NASCIMENTO, Beatriz do. **Beatriz Nascimento, quilombola e intelectual: Possibilidades nos dias de destruição. Diáspora Africana**: Editora Filhos da África, 2018.

MOURA, Clóvis. **Sociologia do Negro Brasileiro**. São Paulo: Perspectiva, 2019.

LÓPEZ, Laura Cecília. *Que América Latina se sincere*: uma análise antropológica das políticas e poéticas do ativismo negro em face a ações afirmativas e às reparações no Cone Sul. 2009. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

LUGONES, María. **Peregrinajes. Teorizar uma coalición contra múltiples opresiones**. Buenos Aires: Ediciones Del Signo, 2021.

NORDISK TEATERLABORATORIUM. *Victoria Black and Woman*, 1978. Youtube, 28 de nov. de 2009. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=Lq8_FtpClhc >. Acesso em: 10 de outubro de 2020.

OLIVEIRA, Franciane da Silva Santos.; BARBOSA, Lia Pinheiro. Epistemologias marginalizadas: a questão racial no debate sociológico latino-americano. **Revista Afro-Ásia**, vol. 2, nº. 62, 2020. Disponível: <<https://periodicos.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/34966>>. Acesso em: 10 de janeiro de 2021.

RANA, Chico. *Black and Woman* (Eugenio Barba & Victoria Santa Cruz). Youtube, 23 de set. de 2011. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=C2vnOa9isco> >. Acesso em: 30 de setembro de 2020.

UFF, Lide. *Gritaram-me negra*. Youtube. 27 de ago. de 2013. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=RljSb7AyPc0> >. Acesso em 15 de agosto de 2020.